

ERNESTO PACHECO RICHTER

RELIGIÃO E AGRESSIVIDADE: O PAI EM QUESTÃO

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA

São Paulo

2013

ERNESTO PACHECO RICHTER

RELIGIÃO E AGRESSIVIDADE: O PAI EM QUESTÃO

Monografia apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Especialista em Teoria Psicanalítica, sob orientação do Prof. Dr. Oscar M. Miguez.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA

São Paulo

2013

RICHTER, Ernesto Pacheco. *Religião e agressividade: o pai em questão*. Monografia de Especialização em Teoria Psicanalítica. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2013.

### Resumo

A contemporaneidade tem produzido uma crescente revitalização do fenômeno religioso: as igrejas pentecostais brasileiras se internacionalizam; o carisma do Papa Francisco reuniu milhares de crentes na praia de Copacabana; e o islamismo cresce em solo europeu. Os indivíduos desamparados e incapazes de lidar com a dura realidade da vida voltam-se a Deus - um substituto do pai - em busca de proteção, reeditando laços libidinais estabelecidos na infância. Sigmund Freud, assim, apresenta a religião como uma ilusão, pois ela seria a realização de um desejo. A ideia de Deus com um pai exaltado permite os indivíduos estabelecerem laços libidinais fortes com o ideal religioso. O ressurgimento de sentimentos religiosos em pleno século XXI torna-se relevante, sobretudo se considerarmos a intolerância e agressividade a ele relacionadas. Assim, tomamos a teoria psicanalítica, particularmente as contribuições de Sigmund Freud, como base teórica para desenvolver nossas reflexões no presente trabalho que busca elucidar algumas das questões envolvidas em fenômeno tão complexo.

Freud ressaltara a relação existente entre as ideias religiosas e a figura paterna e o complexo de Édipo, por conseguinte, este trabalho leva em consideração o pai e as relações familiares que se estabeleceram após o advento da pílula contraceptiva. Sem dúvida, ela desencadeou mudanças significativas na estrutura familiar, que, por sua vez, relacionamos com o acentuado traço narcísico dos indivíduos contemporâneos. Propomos que esse traço está relacionado à revitalização da religião e aos atos intolerantes e agressivos de cunho religioso. Para tanto, relacionamos as contribuições freudianas com textos de outros autores que abordam o tema da religião.

**Palavras-chave:** religião; agressividade; figura paterna; psicanálise.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	4
CAPÍTULO I.....	7
<i>FREUD SOCIAL E A RELIGIÃO</i>	
CAPÍTULO II.....	17
<i>HUME E FREUD DESVENDANDO O ARCABOUÇO DAS IDEIAS RELIGIOSAS</i>	
CAPÍTULO III.....	25
<i>RELIGIÃO E AGRESSIVIDADE: O PAI EM QUESTÃO</i>	
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	37

## INTRODUÇÃO

O Brasil é considerado um Estado laico, como expresso em nossa carta Magna, porém não podemos vender nossos olhos e negar o quanto os brasileiros estão permeados pela religiosidade. Nossas células estampam a frase Deus seja louvado; a mais alta corte de justiça ostenta um crucifixo em uma de suas paredes; o difundido dito Deus é brasileiro reflete que a laicidade de fato não existe. Estamos imersos em uma sociedade fundamentalmente cristã, Não obstante, as diversas religiões professadas em território nacional costumam conviver harmoniosamente.

Basta recordarmos o frenesi causado pela visita do Papa Francisco ao Rio de Janeiro por ocasião da Jornada Mundial da Juventude: pessoas se acotovelando, correndo insanamente atrás do carro do Santo Padre; pais com bebês de colo esperando baixo sol tropical por uma possível benção. A irracionalidade das massas exposta a olhos nus. Milhares de pessoas dos mais distantes lugares do globo vieram louvar a palavra do Senhor em *terra brasilis*. Aqui estavam para seguir o lema da jornada: *Ide e fazei discípulos entre todas as nações!* Esta passagem foi retirada do livro de Mateus, especificamente do capítulo que relata a ressurreição de Cristo. A etimologia da palavra ressurreição indica que ela deriva do latim *surgere* - levantar-se, erguer-se – acrescido do prefixo *re* que indica novamente, outra vez, em clara referência à revitalização dos ensinamentos, ou melhor, dos mandamentos do Senhor.

Esse fenômeno não se restringe unicamente a fé católica; o crescimento e subsequente internacionalização das igrejas evangélicas pentecostais brasileiras são evidências da revitalização da religião. Se, por um lado, essas expressões religiosas se revigoram em solo brasileiro, por outro, o islamismo tem crescido não só em seu berço, mas também se expandido a solos europeu e norte-americano. Trata-se de um fenômeno que vai além de nossas fronteiras. Assim sendo, parece-nos relevante que reflitamos sobre essa questão, especialmente se considerarmos a intolerância e a agressividade associadas à revitalização da religião. Em nome de preceitos religiosos homens cometeram e cometem atos bárbaros; e continuarão a cometê-los, caso não consigamos nunca matar Deus.

Nietzsche e outros pensadores tentaram em vão matá-Lo. Porém, o máximo que a ciência e filósofos conseguiram fazer foi destroná-Lo provisoriamente. Indubitavelmente, o conhecimento produzido possibilitou o homem a sair da idade das trevas e adentrar a era do esclarecimento. As contribuições científicas exerceram enorme papel na desmistificação do mundo e seus fenômenos. Terremotos, eclipses, furacões, pragas, secas, doenças e muitos outros infortúnios não são mais associados a divindades; são perfeitamente explicáveis e

muitos são previsíveis e passíveis de serem evitados graças às descobertas nas mais variadas áreas do conhecimento.

Entretanto, o esclarecimento não produziu a felicidade prometida e ansiosamente aguardada. Os homens continuam a penar e sofrer; seus mal-estares não se apaziguaram, eles persistem. Freud nos demonstrou o porquê: ele é constitucional, pois está imbricado ao complexo de Édipo. Nesse sentido, o mal-estar permanece, pois é devido às relações libidinais estabelecidas no seio da família. Se por um lado, a ciência possibilitou um arrefecer de nosso desamparo diante da natureza, por outro, ela não foi capaz de arrefecê-lo quando ele provém das relações sociais estabelecidas, as quais são replicadas na família e deixam marcas indelévels nos indivíduos.

Tendo a psicanálise desvendado os meandros da mente humana a partir do estudo das famosas históricas do *L'hôpital de la Salpêtrière* e enfatizado a importância que as relações libidinais estabelecidas na infância têm no decorrer da vida adulta, parece-nos que as contribuições freudianas podem substanciar as reflexões sobre a revitalização da religião, uma vez que a relação estabelecida entre os crentes e aquela estabelecida entre estes e a divindade são essencialmente libidinais. Sobretudo se considerarmos a intolerância e a agressividade que têm florescido concomitantemente ao ressurgimento de ideias religiosas.

Não obstante o objeto de estudo de Freud era a psique humana - o sujeito em sua singularidade -, as últimas décadas de sua produção foi dedicada às questões sociais. São essencialmente esses textos que nos guiarão em nossas reflexões sobre o ressurgimento da religião e a agressividade a ela associada, levando em consideração a figura paterna.

Nesse sentido, no primeiro capítulo apresentaremos as bases teóricas que propiciaram a aproximação de Sigmund Freud às questões sociais. Teóricos tomados pelos acontecimentos que abalavam as estruturas institucionais europeias no final do século XIX, pouco a pouco, publicaram artigos sobre um fenômeno que até então inexistia: as massas. Aportamos algumas reflexões de Gustave Le Bon, as quais foram fundamentais para Freud contribuir à questão das ideias religiosas.

A seguir, revelamos o percurso freudiano desde os primeiros questionamentos endereçados a Fliess até *O mal-estar na civilização* (1930), passando pelo texto introdutório *Atos obsessivos e práticas religiosas* (1907) bem como outros que aprofundam a questão religiosa como *Totem e tabu* (1913) e *O futuro de uma ilusão* (1927). Articulamos os aportes freudianos como os de outros teóricos sociais.

O segundo capítulo é dedicado às reminiscências históricas, as quais são fundamentais ao entendimento dos fenômenos religiosos, uma vez que fazem parte daquilo que Freud chamou de cabedal de ideias religiosas; tanto aspectos históricos como subjetivos estão neles implicados. Expomos inicialmente as bases mitológicas da religião, trazendo a origem do universo segundo a mitologia grega, pois ela se confunde com a própria gênese dos inúmeros deuses que posteriormente serão unificados criando as religiões monoteístas.

A partir do texto *História natural da religião* (1757) do filósofo escocês David Hume, no qual aborda a passagem do politeísmo ao monoteísmo e as diferenças entre ambos, estabelecemos relações com as ideias de Freud. Salientamos os pontos de interseção entre ambos os autores, sobretudo a questão da figura paterna, do narcisismo, do desamparo e da necessidade de proteção que desempenham papel importante nas ideias religiosas.

Após apresentarmos a aproximação de Freud à religião e posteriormente estabelecermos as relações entre as ideias humianas e as freudianas, refletimos, no terceiro e último capítulo, sobre o fenômeno da revitalização da religião e a conseqüente intolerância e agressividade religiosas que dela advêm observadas em pleno século XXI. Inferimos que o ressurgimento das ideias religiosas está relacionado à debilidade da figura paterna, característica das novas constituições familiares que surgiram com a passagem do controle contraceptivo dos homens às mulheres.

Advogamos que essa tomada de poder modificou as relações de forças: o pai ficou abalado em sua potência, não sendo suficientemente forte o que se reflete no complexo de Édipo das gerações de indivíduos pós-pílula. Esse pai enfraquecido produz indivíduos também débeis sem instrumental psíquico hábil para lidar com o desamparo que ocasionalmente nos assola. Diante das inevitáveis feridas narcísicas e a angústia que elas produzem, os indivíduos desamparados buscam tamponá-las. Nesse sentido, a religião se apresenta como uma saída socialmente viável, que permite não apenas uma economia psíquica ao poupar os indivíduos de criar uma neurose singular, mas sobretudo os permite dar vazão à pulsão de morte. Portanto, a religião permite tanto Eros como Thanatos se expressarem. Enquanto aquele une os indivíduos entre si e também a Deus com laços libidinais fortes, este, por sua vez, busca aniquilar aqueles quem rejeita.

## **CAPÍTULO I**

### **Freud social e a religião**

A Revolução Industrial modificou sobremaneira a dinâmica da sociedade. A substituição de uma vida em pequenas comunidades por uma em grandes aglomerações populacionais propiciou a expansão do círculo social dos indivíduos; as trocas sociais se expandiram de forma nunca vista anteriormente na história da humanidade e as condições sociais a que estavam submetidos homens, mulheres e crianças fizeram com que surgisse um fenômeno social que pouco chamava a atenção até então: as multidões.

O movimento operário de 1871, conhecido como Comuna de Paris, seguramente deve ter influenciado os pensadores da época. Gustave Le Bon, filósofo francês, lança em 1895, a primeira edição do livro *Psicologia das multidões*. Nele, o autor sublinha que os fenômenos sociais não podem ser estudados sem levarmos em consideração aspectos subjetivos dos atores sociais que se engajam em uma multidão; ideias, sentimentos e hábitos desempenham papel fundamental. As instituições e leis derivam das ações de homens e mulheres e, por conseguinte, não podem ser pensadas de forma descontextualizada. Como podemos observar em suas palavras no prefácio da edição inglesa de 1896:

[...] Homens são regidos por ideias, sentimentos e costumes, os quais são nossa essência. Instituições e leis são manifestações externas de nosso caráter e expressões de nossas necessidades. Sendo sua manifestação, instituições e leis não podem mudar este caráter. O estudo do fenômeno social não pode ser separado do das pessoas entre as quais elas vieram a existir (LE BON, 1895/2001, p. 5).

A importância de estabelecer relação entre aspectos subjetivos e objetivos, entre indivíduo e sociedade, ou seja, de levarmos em consideração aspectos psicológicos nas reflexões sobre fenômenos sociais já estava presente em autores franceses como Alexis de Tocqueville e Hippolyte Taine como afirmam Alejandro Dorna (1998) e Alessandro Silva (2012). Com relação a isso Dorna afirma que Tocqueville “sostiene que los hombres se hacen trampa a si mismos por exceso de cálculos sobre la estrategia de los demás. De hecho, la practica social demuestra que los ideales se alimentan psicológicamente de creencias, valores y emociones” (DORNA, 1998, p. 52).

Sigmund Freud desde o início do desenvolvimento da teoria psicanalítica estava ciente dessa relação salientando sobretudo o antagonismo existente entre civilização e vida pulsional. Ao abordar a questão do incesto em uma carta à Fliess de 31 de maio de 1897, ele afirma que “a civilização consiste na renúncia progressiva ao mesmo” (FREUD, 1950/1996h, p. 307). Vemos em suas palavras a estreita relação entre indivíduo e sociedade.

Essa ideia é posteriormente desenvolvida em *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna* de 1908, texto que marca o início das obras sociais freudianas. Freud, com esse texto, abre as portas para refletirmos sobre a relação entre sociedade e indivíduo. Ele enfatiza que as excessivas restrições impostas à sexualidade pelas normas e costumes da época, que preconizavam a abstinência sexual antes do casamento e restrições ao exercício pleno da sexualidade mesmo dentro do matrimônio, eram prejudiciais à saúde mental. Tanto homens como mulheres estariam sujeitos a doenças nervosas devido a essas restrições culturais e aos conflitos psíquicos delas resultantes. Entretanto, as mulheres estariam mais propensas a elas, uma vez que a carga de restrições sobre os homens era menor (FREUD, 1908/1996b).

Ainda que esse texto seja o primeiro dos ditos sociais, ele não possui a relevância de textos como *Totem e tabu* (1913), *Psicologia das massas e a análise do eu* (1921) e *Futuro de uma ilusão* (1927). Menos ainda se o compararmos com *O mal-estar na civilização* (1930), incontestavelmente seu trabalho mais significativo para o desenvolvimento de uma teoria social psicanalítica.

A psicanálise, portanto, não se restringe a ser um método de investigação que busca evidenciar o significado inconsciente de palavras, ações e produções imaginárias, nem a ser um método psicoterápico que leva em consideração a interpretação da resistência, da transferência e do desejo. Ela constitui-se também como um conjunto de teorias psicológicas e psicopatológicas e, por conseguinte, deve ser levada em consideração quando refletimos sobre eventos que ocorram no social, pois seus protagonistas são atores sociais cujas subjetividades operam.

As palavras de Theodor Adorno ao analisar a relação entre sociologia e psicologia, nesse sentido, referendam a posição relevante da psicanálise nas ciências sociais e na compreensão de fenômenos sociais como o das multidões. Segundo ele, é “necessário completar a teoria da sociedade com a psicologia, sobretudo uma psicologia social psicanaliticamente orientada” (ADORNO, 1991, p.136). Assim sendo, refletir sobre a questão da religião significa necessariamente levar em consideração os sujeitos e os laços que os mesmos estabelecem quando observamos o fenômeno religioso. Freud não se esquivava de abordá-lo.

A primeira vez que se dedica à psicologia das religiões ocorreu em 1907, quando publica *Atos obsessivos e práticas religiosas*. Neste texto, ele apresenta uma analogia entre a neurose obsessiva e a religião; as repetições, as pausas, a rígida ordem de execução de

determinados atos envolvida no cerimonial “como se tivesse de obedecer a certas leis tácitas” (FREUD, 1907/1996a, p. 110) são características que podemos encontrar em neuróticos obsessivos bem como em rituais religiosos. Freud, como lhe é habitual, não se contenta em realizar meras comparações e distinções entre ambos, ele vai mais além; investiga, por meio do método psicanalítico, o “verdadeiro significado dos atos obsessivos” (Ibid., p. 111). Para tanto, alguns fragmentos de seus casos clínicos são expostos com o intuito de mostrar que o “ato obsessivo serve para expressar motivos e ideias *inconscientes*” (Ibid., 113). Assim sendo, atos ritualísticos como a preparação minuciosa antes de dormir que alguns obsessivos desempenham, bem como tantos outros atos obsessivos aparentemente sem sentido, possuem significados. Tais reflexões o levaram a afirmar posteriormente, em *O futuro de uma ilusão*, que “a religião seria a neurose obsessiva universal da humanidade; tal como a neurose obsessiva das crianças, ela surgiu do complexo de Édipo, do relacionamento com o pai” (FREUD, 1927/1996d, p. 52). Estabelecendo, desse modo, bases para uma psicologia das religiões de orientação psicanalítica.

Como podemos observar nesse texto, da primeira década do século XX, Freud volta-se ao social muito antes de ter publicado seus textos mais relevantes nesse campo, ampliando assim, pouco a pouco, o alcance da psicologia profunda. Nessa mesma época, ele publica sua primeira análise de uma obra literária - *Delírios e sonhos de Gradiva de Jensen* (1907) -; aproxima-se de questões legais em *A psicanálise e a determinação dos fatos nos processos jurídicos* (1906); e contribui para a compreensão do processo criativo com a publicação de *Escritores criativos e devaneios* (1907). Houve, portanto, um desenvolvimento paulatino da teoria social psicanalítica e não uma mudança significativa como ele afirmou em um acréscimo realizado em 1935 no Pós-Escrito de *Um estudo autobiográfico* (1925). Em suas palavras observamos que seu interesse pela cultura fora despertado anteriormente: “Meu interesse, após fazer um *détour* de uma vida inteira pelas ciências naturais, pela medicina e pela psicoterapia, voltou-se para os problemas culturais que há muito me haviam fascinado, quando eu era um jovem quase sem idade suficiente para pensar” (FREUD, 1935/1996f, p. 76).

Mais adiante ele afirma ter percebido

[...] ainda mais claramente que os fatos da história, as interações entre a natureza humana, o desenvolvimento cultural e os precipitados das experiências primitivas (cujo exemplo mais proeminente é a religião) não passam de um reflexo dos conflitos dinâmicos entre o ego, o id e o superego que a psicanálise estuda no

indivíduo - são os mesmíssimos processos repetidos numa fase mais ampla (Ibid., p. 76).

Freud afirma que esse câmbio teórico está ligado a uma alteração em si e a considera como uma fase de desenvolvimento regressivo. Entretanto, parece-nos mais adequado considerarmos esse retorno às questões da civilização, que Freud aponta como sendo da ordem de uma mudança interior, como uma espécie de *Nachträglichkeit*. Termo frequentemente utilizado por ele que evidencia a atemporalidade característica dos processos psíquicos. Acerca do verbete *a posteriori*, Laplanche e Pontalis afirmam que “há experiências, impressões, traços mnêmicos que são ulteriormente remodelados em função de experiências novas, do acesso a outro grau de desenvolvimento” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1998, p. 33), aos quais serão conferidos não somente um novo sentido, mas também uma eficácia psíquica. Parece-nos, por conseguinte, plausível que essa aproximação às questões sociais seja mais da ordem de um *après-coup*, que de um desenvolvimento regressivo como Freud colocara.

Destarte as explicações apresentadas por Freud ou as postuladas aqui por nós, o que se torna imprescindível salientar é que o pensamento freudiano e a psicanálise contribuíram e têm contribuído na compreensão da sociedade e do indivíduo. Nesse sentido, é fundamental considerar os aportes da psicanálise na reflexão sobre nossos atos enquanto seres sociais, enquanto inseridos em distintos contextos em nossa sociedade contemporânea. É através do individual que chegamos ao geral; é no indivíduo que a sociedade se reflete, porém não de forma especular. Como afirma Adorno:

[...] o indivíduo isolado, o puro sujeito da autoconservação, encarna o princípio mais íntimo da sociedade com respeito à qual se encontra em oposição absoluta. [...] É uma mônada, no sentido estrito de que representa o todo com suas contradições sem que, não obstante, seja em absoluto consciente da totalidade social. Mas na configuração de suas contradições não há uma comunicação constante e progressiva com o todo, aquelas não procedem imediatamente de sua experiência. A sociedade cunhou nele a individuação como fragmento, e enquanto relação social, esta toma parte no seu destino. A “psicodinâmica” é a reprodução de conflitos sociais no indivíduo, mas não de forma que meramente copie as tensões atuais (ADORNO, 1991: 156-157).

É evidente, por conseguinte, a inexorável conexão existente entre sujeito e sociedade; seja na citação de Freud, seja na de Adorno. Parece-nos, portanto, sensato e justificável, senão relevante, que ao abordarmos a questão do papel da religião na atualidade o façamos a partir de um referencial psicanalítico, em consonância com Freud; em suas palavras anteriormente

citadas, a religião é o exemplo mais relevante da relação especular entre indivíduo e sociedade, de suas dinâmicas. É nesse sentido que retomaremos os textos freudianos sobre o fenômeno religioso.

Vinte anos passaram para que Freud retornasse ao assunto: *O Futuro de uma ilusão* é publicado. Entretanto, seu foco volta-se não mais à analogia entre a neurose obsessiva e as práticas religiosas, ele dirige-se a uma compreensão mais abrangente do fenômeno religioso e suas implicações psíquicas; ele apresenta a religião como uma ilusão.

Com o objetivo de sustentar suas reflexões ele começa enfatizando que dois aspectos devem ser levados em consideração quando o objeto de estudo é a civilização humana. Primeiro, o acervo cultural, ou seja, os conhecimentos e capacidades adquiridos com o intuito de controlar a e extrair da natureza as riquezas para nossa satisfação. Segundo, a regulação das relações humanas e, conseqüentemente, a distribuição da riqueza produzida. A partir desses dois aspectos, Freud concebe utopicamente o que poderia ser a idade de ouro da civilização. Segundo ele: “Pensar-se-ia ser possível um reordenamento das relações humanas, que removeria as fontes de insatisfação para com a civilização pela renúncia à coerção e à repressão dos instintos, de sorte que, imperturbados pela discórdia interna, os homens pudessem dedicar-se à aquisição da riqueza e à sua fruição” (FREUD, 1927/1996d, p. 17). Entretanto, Freud afirmara ser contestável que tal grau de civilização possa ser tornado realidade. Sua constatação parece-nos atual e de forma alguma anacrônica.

Ora, desde os escritos de Freud muito avanços tecnológicos e progressos foram alcançados. As pessoas que tiveram o privilégio de acompanhar em vida as inúmeras transformações e desenvolvimentos ocorridos nas mais diversas áreas, especialmente na segunda metade do século XX são testemunhas dos progressos atingidos no controle da natureza e produção de riqueza, bem como com relação à implacável decadência de nossos corpos. Tanto progresso não se refletiu em seres que possam se dedicar à obtenção de riqueza e a seu desfrute. Continuamos, conseqüentemente, com um mal-estar a nos assombrar; a idade de ouro, todavia, não se faz visível.

A atualidade das contribuições freudianas reforça a ideia de que explicações econômicas e sociais não são suficientes; devemos buscar a origem desse mal-estar nos sujeitos sociais. Ele está em nós, nos é constituinte e se expressa nas relações sociais que estabelecemos. Freud, nesse sentido, indica que questões sociais e econômicas não são independentes das subjetivas; primeiro porque as relações humanas são influenciadas pela satisfação pulsional que as riquezas podem proporcionar; segundo, porque o homem pode

servir de riqueza em relação a outrem - por meio de seu trabalho - e também como objeto de escolha sexual, e por último, “porque todo indivíduo é virtualmente inimigo da civilização, embora se suponha que esta constitui um objeto de interesse universal” (FREUD, 1927/1996d, p. 16). Em seu texto subsequente: *O mal-estar na civilização*, o autor aprofunda essa questão e enfatiza que das três fontes de sofrimento – a decadência e dissolução do corpo, as forças impiedosas da natureza e as relações humanas – a que mais nos causa mal-estar e infelicidade são as relações que estabelecemos com os outros indivíduos. Ele escreve: “o sentimento que provém dessa última fonte talvez nos seja mais penoso do que qualquer outro. Tendemos a encará-lo com uma espécie de acréscimo gratuito, embora ele não possa ser menos fatidicamente inevitável do que o sofrimento oriundo de outras fontes” (FREUD, 1930/1996e, p. 85).

Suas palavras finais nas quais salienta a fatídica inevitabilidade desse mal-estar demonstram que ele é herdeiro do próprio processo da constituição psíquica dos sujeitos; ou seja, mostram seu caráter constitutivo, porque a sociedade constitui-se e se mantém por meio da renúncia às pulsões dos indivíduos que nela vivem. Essa concepção pode ser observada em *Totem e tabu*, no qual faz uma leitura psicanalítica sobre o animal totêmico, considerando-o como um substituto do pai.

Para dar sustentação à ideia de renúncia como base da civilização, Freud lança uma hipótese, que ele próprio considerou como fantástica, que visava estabelecer uma correlação entre grupos de fenômenos que até então estiveram desligados. Ele associa a descoberta psicanalítica sobre o animal totêmico com a horda primeva de Charles Darwin, na qual não há lugar para o totemismo.

Nesse primórdio civilizatório darwiniano havia um pai absoluto e violento que possuía todas as fêmeas e bania seus filhos à medida que cresciam. Contudo, certo dia, os filhos banidos e afastados de qualquer possibilidade de gozo se agruparam e resolveram retornar e matar o pai tirânico, devorando-o em seguida. Eles odiavam o pai que se antepunha frente a seus desejos sexuais e ao poder, porém, simultaneamente o amavam e admiravam, pois ele era possuidor daquilo que lhes faltava; a ambivalência se apresenta. O sentimento de culpa e remorso, em função do assassinato do pai, adveio e este se tornou mais forte do quando estava vivo, fazendo com que os filhos abdicassem a suas pulsões sexuais e agressivas e, por conseguinte, passassem a viver em comunidade. “Criaram assim, do sentimento de culpa filial, os dois tabus fundamentais do totemismo, que, por essa própria razão, corresponderam

inevitavelmente aos dois desejos reprimidos do complexo de Édipo” (FREUD, 1913/1996c, p. 147), a saber: o parricídio e o incesto.

Por conseguinte, por meio dessa hipótese que se demonstrou nada fantástica, Freud esclareceu suas ideias acerca da renúncia das pulsões como base da civilização. Ou seja, somente abdicando às suas pulsões que homens e mulheres foram capazes de viver em sociedade. Ele é enfático: “[...] é impossível desprezar o ponto até o qual a civilização é construída sobre uma renúncia ao instinto, o quanto ela pressupõe exatamente a não-satisfação (pela opressão, repressão, ou algum outro meio?) de instintos poderosos. Essa ‘frustração cultural’ domina o grande campo dos relacionamentos sociais entre os seres humanos” (FREUD, 1930/1996e, p. 103-104).

Se por um lado, a civilização se desenvolve no sentido de fortalecer homens e mulheres diante da magnitude das forças da natureza; por outro, para nela adentrarmos somos obrigados a abandonar o gozo propiciado pela satisfação de nossas pulsões sexuais e agressivas. Parece-nos que esse é o preço a pagar por nosso avanço civilizatório. Uma transação que deixa marcas em nossas almas, cujo troco que nos resta é esse mal-estar constituinte ao qual estamos submetidos inexoravelmente. Como lidar então com algo que é da ordem do implacável, uma vez que os seres humanos buscam a felicidade, a busca do prazer? Diante de tantos infortúnios e possibilidades de sofrimento, aos homens e mulheres coube resignarem-se e moderarem:

[...] suas reivindicações de felicidade - tal como, na verdade, o próprio princípio do prazer, sob a influência do mundo externo, se transformou no mais modesto princípio da realidade -, que um homem pense ser ele próprio feliz, simplesmente porque escapou à infelicidade ou sobreviveu ao sofrimento, e que, em geral, a tarefa de evitar o sofrimento coloque a de obter prazer em segundo plano. (Ibid., p. 85).

A fuga do desprazer mimetiza a felicidade e passa a ser aquilo que almejamos. Contra o sofrimento há vários caminhos. O mais prazeroso seguramente seria entregar-se ao gozo numa satisfação irrestrita das pulsões. Aqueles que assim o fazem não tardam a ser banidos. Não esqueçamos a assimetria existente entre indivíduo e sociedade; esta é seguramente mais forte que aquele. Não faltam exemplos no transcorrer da história da civilização que ilustram o destino daqueles que não restringiram suas pulsões. Outro caminho possível seria o isolamento voluntário, “a felicidade da quietude” (Ibid., p. 85). Ambos nos levam a um afastamento do social; seja por vontade própria, seja involuntariamente. Freud salienta, contudo, que há outros caminhos menos árduos e, talvez, melhores que não nos excluem do

convívio social. Caminhos que são singulares, uma vez que a maneira como o indivíduo lida com seu sofrimento - com seu mal-estar - é resultado da interação entre os campos social, histórico e libidinal.

Ciente da singularidade envolvida na fuga ao desprazer, Freud resalta que suas reflexões não abarcam a totalidade de maneiras de busca da felicidade empregadas pelos indivíduos. Ele, contudo, elenca aquelas mais significativas; começa com a ciência como ferramenta disponível que proporcionaria a satisfação de nossas necessidades; aqueles que seguem esse caminho atingiriam a felicidade trabalhando em prol da sociedade. A seguir, apresenta a via da intoxicação. Há substâncias químicas estranhas a nossos organismos que alteram nossa sensibilidade, causando sensações prazerosas e agem como um amortecedor de preocupações (Ibid., p. 86). Seguramente uma questão contemporânea que merece atenção, especialmente se considerarmos o debate em torno da legalização de substâncias ilícitas, por um lado e, por outro, o uso abusivo e indiscriminado de psicofármacos.

A sublimação das pulsões por meio da criação artística e intelectual seria outra via; todavia, ela pressupõe dotes e disposições especiais que dificilmente encontramos com frequência. E mesmo esse indivíduo capaz de sublimar suas pulsões não é capaz de criar uma “armadura impenetrável contra as investidas do destino e habitualmente falha quando a fonte do sofrimento é o próprio corpo da pessoa” (Ibid., p. 87). Outros indivíduos, ainda, podem tentar recriar o mundo que os rodeiam e “quem quer que, numa atitude de desafio desesperado, se lance por este caminho em busca da felicidade, geralmente não chega a nada. A realidade é demasiado forte para ele. Torna-se um louco” (Ibid., p. 89). Poucos são aqueles que encontram alguém que os ajudem a tornar reais seus delírios.

A certeza de felicidade e a proteção contra o sofrimento pode ser comungada entre semelhantes e, conseqüentemente, desembocar na elaboração de uma espécie de delírio coletivo; um processo de reelaboração delirante coletiva da realidade ocorre. As religiões se enquadram nessa categoria. Entretanto, elas obliteram qualquer possibilidade de um encontro singular com o desejo, com o gozo, com o prazer uma vez que elas propõem um caminho único, desconsiderando a subjetividade dos indivíduos. Conforme salienta Freud:

A religião restringe esse jogo de escolha e adaptação, desde que impõe igualmente a todos o seu próprio caminho para a aquisição da felicidade e da proteção contra o sofrimento. Sua técnica consiste em depreciar o valor da vida e deformar o quadro do mundo real de maneira delirante - maneira que pressupõe uma intimidação da inteligência. A esse preço, por fixá-las à força num estado de infantilismo

psicológico e por arrastá-las a um delírio de massa, a religião consegue poupar a muitas pessoas uma neurose individual (Ibid., p. 92).

Esse breve recorrido pelas contribuições freudianas sobre *O mal-estar na civilização* evidenciam as inúmeras possibilidades de lidarmos com ele e, sobretudo, buscarmos a felicidade que nos é passível de ser atingida, as quais estão invariavelmente fadadas ao fracasso, porque se constituem como meras ilusões.

As reflexões de Freud, indubitavelmente, indicam que a religião enquanto instituição fortemente enraizada em nossa cultura é prejudicial ao *enlightment* do sujeito. Se por um lado, ela se apresenta como uma via que leva à suavização da dor, a qual é percebida como felicidade, e, por conseguinte, cumpre uma função psíquica importante. Por outro, ela se constitui como uma possibilidade *prêt-à-porter*, obliterando a subjetivação e o gozo singular, colocando-se como mais um mecanismo de controle de nossos desejos, o qual nos infantiliza psicológica e socialmente.

Diante dessa ambiguidade, Freud sustenta que “os homens não podem permanecer crianças para sempre; têm de, por fim, sair para a ‘vida hostil’. Podemos chamar isso de ‘educação para a realidade’” (FREUD, 1927/1996d, p. 57); em evidente posicionamento contra o consolo da ilusão religiosa e a favor da razão, ainda que saibamos ser uma via que engloba sofrimento. Assim sendo, a religião sustenta e reforça a constituição de indivíduos como mônadas, no sentido leibniziano da palavra; isto é, um agregado de indivíduos que vivem de forma, até certo ponto, harmoniosa em virtude de uma predeterminação da divindade.

Por conseguinte, parece-nos prudente, senão sábio, vivermos uma existência sofrida, porém regida pela razão e em sintonia com nossos desejos. Caso contrário, nossas vidas seriam de submissão incondicional como expressa Freud: “Se, finalmente, o crente se vê obrigado a falar dos ‘desígnios inescrutáveis’ de Deus, está admitindo que tudo que lhe sobrou, como último consolo e fonte de prazer possíveis em seu sofrimento, foi uma submissão incondicional” (FREUD, 1930/1996e, p. 92).

Não obstante as contribuições freudianas e de outros pensadores que se interessam pelo fenômeno religioso, observamos um reflorescer da busca pela via religiosa no sentido de um apaziguamento das dores de nossas existências mundanas. A última Jornada Mundial da Juventude, realizada no Rio de Janeiro e embalada pela presença *pop* do Papa Francisco, atraiu milhares de crentes, o que demonstra uma revitalização da igreja católica; a internacionalização das igrejas pentecostais brasileiras e sua disseminação pelos mais

distantes rincões brasileiros; e o crescimento do fundamentalismo islâmico são alguns exemplos que demonstram a relevância do fenômeno religioso na atualidade.

O que leva homens e mulheres, após anos de esclarecimento, a voltarem-se cegamente a percorrer a via religiosa? Por que norte-irlandeses, ainda, se enfrentam em batalhas nas ruas de Belfast? Por que seres humanos se explodem em nome de *Allah*? Que motivos levam pais, em pleno século XXI, a impedirem o tratamento de seus filhos devido a preceitos religiosos? Essas são apenas alguns de centenas de questionamentos que envolvem questões religiosas e que nos intrigam e aguçam nosso espírito investigativo. Sabemos que a psicanálise não pode e não deve cair na tentação de vaticinar sobre o que, como e porque ocorre em um fenômeno religioso; sua complexidade é evidente. Estamos cientes dos limites da psicanálise enquanto teoria social, não obstante, diante da irracionalidade dos atos trazidos em nossas indagações, parece justificável que as contribuições psicanalíticas possam elucidar algumas questões. Freud, nesse sentido, nos dá uma pista em *O Futuro de uma ilusão*: a figura do pai. É nessa direção que iremos seguir: em busca do pai perdido.

## CAPÍTULO II

### Hume e Freud desvendando o arcabouço das ideias religiosas

A fim de refletir à luz da psicanálise sobre as questões que nos colocamos anteriormente seria conveniente realizarmos um percurso pela história do pensamento religioso, suas origens e desenvolvimentos posteriores até atingir sua maturidade: o monoteísmo. Para tanto, utilizaremos como base, fundamentalmente, as contribuições humanas e freudianas.

A figura paterna desempenha papel fundamental na compreensão dos fenômenos religiosos, como nos mostrou Freud em *O futuro de uma ilusão*. Entretanto, a história da religião nos demonstra que o poder hegemônico de um deus único que remeteria a figura do pai não estava presente na civilização grega; havia uma pluralidade de deuses e deusas que reinavam e estas eram tão poderosas quanto aqueles. Assim sendo, os sentimentos religiosos dos gregos não eram fixos a uma figura onisciente, onipotente e onipresente. Tal concepção não existia, suas crenças e devoções eram direcionadas aos deuses encarregados de aplacar seus males pontuais. Havia uma subdivisão do domínio das divindades, cada um era responsável por um mal específico.

Sabemos que Freud não se referia às religiões politeístas da Antiguidade; suas considerações se referiam àquilo que ele denominou como a forma final das ideias religiosas, ou seja, aquela assumida pela civilização europeia: o monoteísmo judaico-cristão. A despeito da distinção entre a concepção de deus resgatar a questão do politeísmo é necessário, uma vez que a compreensão do fenômeno religioso atual passa por sua história. Refletir tanto sobre o passado como o presente é fundamental para que o futuro não se apresente repleto de incertezas, inseguranças e medos, como nos alertou Freud: “quanto menos um homem conhece a respeito do passado e do presente, mais inseguro terá de mostrar-se seu juízo sobre o futuro” (FREUD, 1927/1996d, p. 15). Nesse sentido, os primórdios das religiões politeístas apresentam elementos que são identificados nas monoteístas que merecem nossa atenção.

A origem do politeísmo se confunde com a própria origem do universo segundo a mitologia grega, na qual a presença do feminino é tão ou mais importante que o masculino. Retomemos o mito da origem do universo, descrita em *Teogonia* por Hesíodo e comentada por José Ribeiro Ferreira. Inicialmente havia o Caos, que era compreendido pelos gregos como o vazio absoluto. Dele surgiu Gaia, Eros, Tártaro e Érebo. Gaia, a deusa mãe primordial e personificação da Terra, sozinha gerou Urano - o céu - com o qual concebeu a primeira

linhagem de divindades, os Titãs, as divindades primordiais. Nessa primeira geração havia seis titãs - Oceano, Coios, Crios, Hipérion, Jápeto e Cronos – e seis titânides - Teia, Reia, Témis, Mnemósine, Febe e Tétis. Nesse breve relato do mito grego, a figura feminina é central: a deusa Gaia é a matriz, pois concebeu o próprio pai de seus filhos e filhas, diferentemente da posição que é reservada as figuras femininas nas religiões monoteístas, cujos criadores são figuras masculinas.

A partir dessa primeira geração houve uma proliferação de deuses e semideuses, cujos domínios de atuação foram se especializando. Essa multiplicidade de divindades é como se estivéssemos “perante a poesia de catálogo, tão característica da época arcaica grega e que ocupa parte fundamental em Hesíodo. Podemos inclusive afirmar que a *Teogonia* quase não nos dá mais do que genealogias dos deuses, de modo que, durante largos passos, temos apenas séries de nomes” (FERREIRA, 2008, p. 38). O autor prossegue afirmando que

[...] Hesíodo vê deuses em tudo o que se lhe apresenta como vivo na natureza e acredita nos poderes divinos. [...] Ele quer escrever com os nomes divinos o que existe, vive e tem significado no mundo. É como se assistíssemos afinal a uma individualização e personificação sucessiva dos elementos, dos fenômenos e forças da natureza, dos acidentes físicos da Terra até nos encontrarmos na presença de deuses (Ibid. p. 41).

Observamos, portanto, a ausência da noção de um deus uno, todo-poderoso e sem falhas, nos primórdios da civilização. A subdivisão do campo de atuação dos deuses balizava e enfraquecia seus poderes, incapacitando-os, individualmente, a ter ingerência sobre todos os aspectos da vida humana. Assim, como afirma David Hume em *História natural da religião*, os politeístas após terem “dividido os domínios de suas divindades, recorreram àquele agente invisível, que os mantém sob sua autoridade imediata e cuja alçada é supervisionar aquele curso de ações, no qual a qualquer hora eles se empenham. JUNO é invocado nos casamentos; LUCINA nos partos. NETUNO recebe as preces dos marinheiros; MARTE, as dos guerreiros. [...]” (HUME, 1757/2005, p. 31). Evidentemente, “tais seres limitados, embora senhores do destino humano, sendo incapazes, cada um deles, de estender sua influência sobre tudo, devem ser consideravelmente multiplicados, a fim de responder à variedade de eventos sobre toda a face da natureza (Ibid., p. 39).

Essa multiplicidade de divindades que reinavam na Antiguidade tinha a incumbência de aportar respostas aos enigmas da vida, a todos os eventos que escapavam a compreensão humana, os quais eram muitíssimos, visto que a capacidade de reflexão e compreensão do mundo era extremamente limitada se comparada com a atual. Assim, “nada próspero ou

adverso pode acontecer no decorrer da vida que não possa ser assunto de preces particulares ou de ação de graças” (Ibid., p. 31-32); criaram-se tantas deidades quanto eram necessárias.

Se por um lado, Hume aporta tanto a fortuna quanto o infortúnio como geradores de crença, devoção, adoração e submissão às inúmeras deidades, por outro, ele também enfatiza que dificilmente a primeira evoca sentimentos fundamentalmente religiosos. É o desconhecido - aquilo que nos escapa e que foge da normalidade tranquilizante - que se torna objeto de nossos questionamentos e, por conseguinte, demandam respostas, as quais são prontamente trazidas por deuses e deusas. A vulnerabilidade e a ignorância do homem diante da natureza e de seus fenômenos desempenham papel essencial na origem do politeísmo e, por consequência, de todo sentimento religioso presente também no monoteísmo, uma vez que suas bases remontam ao politeísmo.

Recuperemos suas palavras:

[...] quanto mais regular e uniforme a natureza se mostra, ou seja, quanto mais perfeita ela é, mais o homem se familiariza com ela e menos inclinado estará a sondá-la e examiná-la. Um parto monstruoso desperta por causa de sua novidade e imediatamente o leva a sentir medo, a fazer sacrifícios e a rezar. Mas um animal, com todos os seus membros e órgãos perfeitos, é, para o homem, um espetáculo ordinário, não produz nenhuma opinião ou sentimento religioso (HUME, 1757/2005, p. 26).

Notadamente essas reflexões sobre os sentimentos religiosos, trazidas pelo filósofo escocês, que os ligam diretamente ao medo e à desesperança diante do inusitado, se aproximam das de Freud. Essa relação entre ambos os pensadores fica mais evidente quando Hume conjectura sobre os motivos que influenciam o surgimento das divindades. Ele afirma:

Não é certamente à curiosidade especulativa ou ao puro amor à verdade. Esse motivo é demasiado refinado para um entendimento tão grosseiro; e levaria os homens a investigações sobre o plano da natureza, um tema demasiado amplo e abrangente para suas estreitas capacidades. As únicas paixões que podemos imaginar capazes de agir sobre tais homens incultos são as paixões ordinárias da vida humana, a ansiosa busca da felicidade, o temor de calamidades futuras, o medo da morte, a sede de vingança, a fome e outras necessidades. Agitados por esperanças e medos dessa natureza, e sobretudo pelos últimos, os homens examinam com uma trêmula curiosidade o curso das causas futuras, e analisam os diversos e contraditórios acontecimentos da vida humana. E nesse cenário desordenado, com os olhos mais desordenados e maravilhados, eles veem os primeiros sinais obscuros da divindade (Ibid., p. 32-33).

Esta citação apresenta vários pontos que nos permitem estabelecer relações com a teoria freudiana, aos quais nos direcionaremos. É visível, na primeira parte do parágrafo citado, que a insuficiência intelectual dos homens exerce papel essencial na gênese dos sentimentos religiosos. Faltavam-lhes instrumentos que propiciassem uma apreensão racional da natureza; ou seja, a ignorância demanda respostas prontas às vicissitudes da vida. Freud realiza reflexão semelhante ao nos alertar que as ideias religiosas “são ensinamentos e afirmações sobre fatos e condições da realidade externa (ou interna) que nos dizem algo que não descobrimos por nós mesmos e que reivindicam nossa crença” (FREUD, 1927/1996d, p. 34); elas são altamente estimadas, pois “nos fornecerem informações sobre o que é mais importante e interessante para nós na vida” (p. 34). Ambos os autores colocam a ignorância e a conseqüente demanda por respostas no cerne das crenças religiosas. Estas, por sua vez, estão aquém de qualquer verificação da realidade, ainda que apóiem explicações irracionais sobre a mesma. Caso não houvesse ignorância, *credo quia absurdum* dificilmente seria ouvido.

O seguinte ponto relevante refere-se às paixões que agem sobre esses seres incultos. A etimologia da palavra paixão está relacionada a martírio e a sofrimento, o que nos direciona imediatamente aos mal-estares na civilização. Freud (1930), em *O mal-estar na civilização*, salienta que o sofrimento humano é proveniente de três fontes distintas – primeira, do próprio corpo que está submetido ao declínio e a dissolução, isto é, a certeza da finitude corpórea; segunda, do mundo externo, entendendo este como as forças da impiedosa e implacável natureza; e, finalmente, dos relacionamentos humanos. Hume ao relacionar as paixões ordinárias - morte, calamidades, vingança - que atormentavam os politeístas engloba as três fontes de mal-estar do sujeito, citadas por Freud, aproximando-os teoricamente.

O último ponto de convergência entre ambos que salientaremos nos obriga a voltar nossa atenção ao sujeito que, perante tantas carências e inculto, cria mecanismos para aliviar suas dores, afastando, assim, o desprazer que o assola, o que é vivenciado como felicidade, objetivo último de nossas existências. Assim sendo, os medos relacionados às paixões ordinárias dos homens exercem especial função, pois incitam a curiosidade que os move desesperadamente a buscar respostas ao desconhecido e caótico de suas vidas, abrindo espaço ao vislumbre das primeiras deidades apaziguadoras de seus mal-estares.

A descrição dos indivíduos como agitados e com olhos desordenados ante a desordem do mundo e de suas vidas, feita por Hume, revela-nos características associadas a um estado de desamparo. Ora, não são os olhos o espelho da alma e, portanto, sua desordem espelha a desordem psíquica característica do estado de desamparo? Ousamos inferir que sim; afinal, “a

candeia do corpo são os olhos; de sorte que, se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo terá luz; Se, porém, os teus olhos forem maus, o teu corpo será tenebroso. Se, portanto, a luz que em ti há são trevas, quão grandes serão tais trevas!” (Mateus 6:22-23).

Com a intenção de dar suporte a nossa inferência de que a ideia de desamparo estava presente em Hume, resgatamos outro trecho: “os homens ajoelham-se bem mais frequentemente por causa da melancolia do que por causa de paixões agradáveis” (HUME, 1757/2005, p.39); suas palavras são explícitas ao associar a melancolia às ideias religiosas, o que nos remete inexoravelmente ao desamparo freudiano.

Contudo, esses mesmos olhos mostram-se maravilhados e deslumbrados em júbilo e admiração perante a visão ainda tênue de divindades por eles criadas. Assim como os olhos desordenados refletem o desamparo, eles, agora, maravilhados espelham a tão almejada proteção que lhes chegou pronta e carregada de sacralidade. Freud, nesse sentido, enfatiza o caráter ilusório das ideias religiosas, uma vez que a realização de um desejo exerce fator proeminente em sua motivação: o desejo de proteção e ser amado.

Buscamos demonstrar os pontos de confluência entre as reflexões humanas e as freudianas acerca das ideias e sentimentos religiosos. Todavia, estamos cientes que enquanto aquele focava as religiões politeístas, este tinha como o foco de atenção as monoteístas. Ainda que o filósofo escocês tenha abordado também as religiões monoteístas, em nenhum momento ele nos direciona à figura do pai. Isso, não necessariamente, configura um contraponto entre ambos os teóricos; a introdução da figura paterna nas reflexões de Freud é da ordem de um avanço teórico sobre o sentimento religioso. Enquanto Ananke era central para Hume, Freud agrega a ela Eros. Dificilmente conseguiríamos apreender os fenômenos religiosos sem sua contribuição, visto que o deus do amor aporta contribuições importantes para o entendimento tanto da devoção fervorosa quanto das explosões de agressividade presentes em tais fenômenos. Eros, com a força própria de um deus primordial grego, permite Freud aportar significação psicológica às ideias religiosas. A importância dessa figura mitológica é tamanha que ele obteve pelas mãos do fundador da psicanálise um lugar de destaque no olimpo psicanalítico, junto a Thanatos.

Um longo período de tempo se passou para que a ideia de um único deus aflorasse e viesse a se estabelecer como a forma predominante de religiosidade na atualidade. A concepção de um deus uno é mister para a psicanálise, visto que permite a Freud estabelecer os vínculos entre os motivos manifestos e os latentes - o complexo paterno, o desamparo e a necessidade de proteção do homem - presentes nas religiões monoteístas. Nesse sentido,

Oscar Miguelez (2011) enfatiza que o aporte freudiano “à questão da religião articula o conceito de desamparo com o de narcisismo” (p. 154), agregando, a seguir, a função protetora: a “religião supõe, [...], a relação entre o real do desamparo, intolerável, e o desejo que, [...], procura figuras protetoras todo-poderosas” (p. 154).

Voltemos ao hiato que marcou a passagem do politeísmo ao monoteísmo, pois ele evidencia um câmbio nos indivíduos que, pouco a pouco, se visibiliza e toma a dimensão de um fenômeno de massa e modifica a sociedade e os próprios indivíduos. Como afirma Le Bon (1895/2008):

As verdadeiras convulsões históricas não são as que nos espantam por sua grandeza e violência. As únicas mudanças importantes, aquelas das quais provém a renovação das civilizações, produzem-se nas opiniões, concepções e crenças. Os acontecimentos memoráveis são os efeitos visíveis das invisíveis mudanças dos sentimentos dos homens (p. 19).

A religião, como um fenômeno de massa, indubitavelmente modificou a civilização ocidental; mais da metade da população mundial é seguidora das três principais religiões monoteístas: judaísmo, cristianismo e islamismo. Entretanto, para que o monoteísmo se consolidasse no seio da civilização foi necessário um tempo de maturação. Todas as mudanças paradigmáticas dessa ordem, que provocam ruído e se apresentam como pontos de inflexão, não ocorrem subitamente. “O tempo prepara as opiniões e as crenças das multidões, isto é, o terreno onde germinarão. [...]. O tempo acumula o imenso resíduo de crenças e pensamentos sobre o qual nascem as ideias de uma época. Não germinam ao acaso e ao sabor da aventura” (p. 84).

Historiadores da religião demonstraram que o ineditismo trazido pelo judaísmo – a unicidade de deus -, era aparente, visto que temos registros de uma tentativa anterior de instaurar o monoteísmo: o faraó Amenófis IV tornou o culto ao deus Aten - Sol - o único admitido. Esta imposição do faraó foi inovadora, pois anteriormente o caráter de exclusividade estava ausente, ainda que houvesse preferência a alguma divindade dentre as inúmeras existentes.

Freud aporta um fragmento do Hino a Aten para ressaltar essa questão; nele aparece explicitamente que Aten é único e não há outro a seu lado. Associado à exclusividade dessa religião egípcia há outro aspecto a salientar: o caráter imaterial do deus da religião de Amenófis; a força e a energia emanadas pelos raios solares eram adoradas e não o sol em si. Freud afirma: “não há dúvida de que ele foi um passo além, de que não adorou o Sol como

um objeto material, mas como símbolo de um ser divino cuja energia manifestava em seus raios” (FREUD, 1939/1996g, p. 34). Tal desmaterialização é significativa, pois permite a concepção de um deus capaz de aplacar todos os mal-estares mundanos. Estamos, portanto, próximos da ideia de um ser onisciente, onipresente e onipotente, em suma, perfeito.

A história daquele que veio a se autodenominar Akhenaten, personificando seu deus, somente pôde ser remontada após sua tumba ter sido descoberta no século XX. Essa iniciativa monoteísta não perdurou e o politeísmo egípcio foi restaurado; a religião de Aten foi banida após a morte do faraó. Os aportes acerca da primeira religião monoteísta, apresentados em *Moisés e o monoteísmo* a partir das contribuições do arqueólogo e historiador americano James Henry Breasted, que resgatamos brevemente não podem ser menosprezados. Eles nos permitem algumas considerações importantes sobre a concepção única de deus.

A transmutação dos diversos deuses e deusas em um deus etéreo permite aos indivíduos associá-lo à ideia de perfeição. O Deus unificado e perfeito reflete o ideal de felicidade desses mesmos indivíduos, que remete a uma vida plena de bonança na qual todos os males que os afligem são suprimidos. As preces a esse ser intangível e, por conseguinte, poderoso trazem o conforto ilusório que a especificidade dos deuses não permitia no politeísmo. Os homens incultos e ainda atormentados por seus males direcionam, doravante, suas orações a Ele, o todo-poderoso, adorado e temido.

O intento fracassado de Amenófis reflete que a concepção de um deus único já circulava enquanto crença entre os egípcios e talvez possamos considerar, por extensão, que era uma ideia que, pouco a pouco, foi se desenvolvendo entre os crentes politeístas. Todavia, a maneira como foi instituída – em forma de decreto - e o contexto histórico da época não permitiram que o monoteísmo perdurasse. É nesse sentido que “algumas ideias realizáveis em uma época já não o são em outra” (LE BON, 1895/2005, p. 84).

Por seu turno, Moisés parece ter encontrado um contexto social e histórico favorável para que sua religião vingasse na alma de seus seguidores. Assim, tanto o contexto social como os aspectos históricos são fundamentais na reflexão sobre as mudanças nos sentimentos, opiniões e crenças. Freud ciente disso afirma que “toda novidade deve ter suas preliminares e condições em algo anterior” (FREUD, 1939/1996g, p. 33).

Ao apresentar sua hipótese de que Moisés deu ao povo judeu uma religião egípcia - a sua própria, uma vez que ele propõe uma origem egípcia ao profeta -, Freud regressa à história do antigo Egito e ressalta que a ideia de um deus universal já se fazia presente durante

o reinado do pai de Amenófis. Evidenciamos que ele busca bases históricas para dar sustentação à ideia de predileção a um deus em detrimento dos outros. Há um engrandecimento de suas qualidades. O deus evocado por Moisés e apresentado a seus seguidores era distinto dos outros, pois “seu aspecto é mais do que os olhos humanos podem tolerar, nenhuma imagem dele deve ser feita, mesmo seu nome não pode ser pronunciado” (FREUD, 1939/1996g, p. 30). É um deus poderoso e intangível - a própria perfeição -, amado e temido, pois nos conforta, mas simultaneamente é capaz de nos castigar. Não é à toa que nos ajoelhamos frequentemente diante de presença tão magnânima.

O Deus, agora, transfigurado – etéreo e poderoso – pode ser considerado como um substituto do pai, abrindo, assim, as portas ao entendimento psicológico dos fenômenos religiosos. Podemos, a partir da unicidade de deus, passar da materialidade histórica aos meandros da psique humana. Atrelar-se ferrenhamente a ideias que demandam a eclipse da razão somente pode ter uma base psicológica. Nesse sentido, a irracionalidade inerente à religião nos indica que a psicanálise pode complementar na compreensão dos atos religiosos, uma vez que evidencia componentes inconscientes neles envolvidos.

A partir de uma analogia entre o processo de desenvolvimento psíquico infantil e o da humanidade, Freud demonstra que em ambos a renúncia aos desejos pulsionais é essencial, o que lhe permitiu afirmar que “a religião seria a neurose obsessiva universal da humanidade; tal como a neurose obsessiva das crianças, ela surgiu do complexo de Édipo, do relacionamento com o pai” (FREUD, 1927/1996d, p. 52). Estabelecendo assim as bases psicanalíticas que darão subsídios a nossas reflexões sobre a revitalização dos sentimentos religiosos na atualidade.

À luz da psicanálise iremos percorrer nosso caminho reflexivo. Entretanto, não a utilizaremos com o intuito de trazer a verdade sobre os fenômenos religiosos; a psicanálise não pode e não deve requerer para si a hegemonia do saber nessa área. Ela aporta reflexões relevantes e não verdades absolutas. Caso contrário, estaríamos a igualando às ilusões religiosas: a psicanálise tornar-se-ia uma religião e Freud seu primeiro profeta. Portanto, nossos aportes devem ser tomados no sentido de contribuições psicanalíticas à religião. Após termos resgatado essas reminiscências históricas, que compõem o cabedal das ideias religiosas, achamo-nos instrumentalizados para prosseguir. Os aspectos históricos nos auxiliam no entendimento do fenômeno religioso como afirmara Freud. Sigamos adiante.

## CAPÍTULO III

### Religião e agressividade: o pai em questão

Sigmund Freud aborda criticamente as ideias religiosas em 1927, ainda que textos anteriores apresentassem reflexões sobre o tema, com já salientamos. Ao concebê-la como uma ilusão, porquanto se constitui como uma realização de desejo, ele dialoga com um interlocutor imaginário e sustenta suas opiniões respondendo às contraposições que lhe são feitas. Entretanto, no princípio de *O futuro de uma ilusão* não há interlocução, Freud apresenta a civilização como fundada a partir da coerção e repressão das pulsões, uma vez que os indivíduos não são adeptos ao trabalho e têm a tendência à fruição incondicional de suas paixões e riquezas. Daí decorre a hostilidade destes em relação àquela. Lembremo-nos que estão “presentes em todos os homens tendências destrutivas e, portanto, antissociais e anticulturais, e que, num grande número de pessoas, essas tendências são suficientemente fortes para determinar o comportamento delas na sociedade humana” (FREUD, 1927/1996d, p. 17). A agressividade desempenha importante papel para a compreensão da civilização e dos fenômenos sociais.

Ante a demanda de renúncia há dois caminhos: ou os indivíduos a negam e se rebelam contra a civilização, ou buscam satisfações substitutivas nos ideais culturais. Tais satisfações são fundamentais à economia psíquica, pois à parte do ganho narcísico proporcionado pelo reconhecimento dos ideais culturais, elas também “alcançam êxito no combate à hostilidade para com a cultura dentro da unidade cultural” (FREUD, 1927/1996d, p. 23). A agressividade pode encontrar vazão direcionando-se a outra unidade cultural e preservando a sua própria. As ideias religiosas são dessa ordem. Ao comungá-las enquanto ideal cultural, os indivíduos têm um ganho narcísico e canalizam suas tendências hostis àqueles desgarrados do caminho do Senhor.

Assim, a civilização, por um lado, nos protege contra os desígnios da natureza e, por outro, limita as possibilidades de satisfação pulsional dos indivíduos. Entretanto, o domínio da natureza não foi o suficiente para acabar com o mal-estar, ele persiste nas relações sociais. Não apenas a natureza, mas também os indivíduos são fontes de mal-estar e angústia para outros homens. Ou seja, as forças da natureza e os homens nos deixam indefesos e desamparados. O desamparo é semelhante àquele vivido enquanto crianças diante das figuras parentais. Há um protótipo infantil que se reedita. Ainda que as observações e os avanços científicos tenham diminuído o poder da natureza, o sentimento de desamparo continua presente. Como nos esclarece Freud:

Quando o indivíduo em crescimento descobre que está destinado a permanecer uma criança para sempre, que nunca poderá passar sem proteção contra estranhos poderes superiores, empresta a esses poderes as características pertencentes à figura do pai; cria para si próprio os deuses a quem teme, a quem procura propiciar e a quem, não obstante, confia sua própria proteção. Assim, seu anseio por um pai constitui um motivo idêntico à sua necessidade de proteção contra as consequências de sua debilidade humana. É a defesa contra o desamparo infantil que empresta suas feições características à reação do adulto ao desamparo que ele tem de reconhecer - reação que é, exatamente, a formação da religião (FREUD, 1927/1996d, p. 33).

Suas palavras mostram que o sentimento religioso encontra sustentação na psique dos indivíduos. A miséria do presente vivenciado com dor e angústia, a incerteza quanto ao futuro e a ignorância, ou seja, o desamparo de nossa vida adulta é semelhante ao infantil. Assim, os indivíduos facilmente aderem às ideias religiosas, pois entram em consonância com seus desejos e aspirações.

Após apontar as bases subjetivas das ideias religiosas e seu caráter ilusório, seu interlocutor entra em cena e defende a sua manutenção. Freud, em oposição, salienta que os indivíduos deveriam buscar “admitir para si mesmos toda a extensão de seu desamparo e insignificância na maquinaria do universo; não podem mais ser o centro da criação, o objeto de terno cuidado por parte de uma Providência beneficente” (FREUD, 1927/1996d, p. 57); uma vida sem as ilusões religiosas seria mais frutífera. Entretanto, seu caráter ilusório as mantêm, visto que se fundam no desejo de proteção e consolo e, por conseguinte, estão dissociadas da realidade. Ainda assim, Freud propõe que a religião seja substituída pela ciência, pois a mesma não apresenta o caráter ilusório, pois permite falhas e reformulações, diferentemente das ideias religiosas. “Não, nossa ciência não é uma ilusão. Ilusão seria imaginar que aquilo que a ciência não nos pode dar, podemos conseguir em outro lugar” (Ibid., p. 63). Assim Freud finalizou seu ensaio, o que evidencia certo antagonismo entre religião e ciência. Poderíamos afirmar que o cientificismo propiciaria a desmistificação do mundo e traria o esclarecimento.

Dessa maneira, o conhecimento científico entraria em conflito com as bases das instituições religiosas. Várias crenças religiosas foram pouco a pouco sendo postas em xeque, mas isso não as invalidou. Elas persistiram lado a lado às contribuições científicas. Os indivíduos adoentados continuam dirigindo suas preces a Deus, porém não se entregam incondicionalmente a Seus cuidados. Suas rezas vêm acompanhadas de cuidados médicos e hospitalares altamente especializados. Ainda que agricultores rezem por colheitas fartas, não

deixam de utilizar insumos agrícolas em suas plantações. É comum vermos atletas agradecerem aos céus por suas performances, entretanto sabemos que tecnologias de última geração os ajudam a atingir seus extraordinários desempenhos. A convivência entre religião e ciência é possível, porque enquanto aquela está dissociada dos fatos e tem como mote *credo quia absurdum*, esta se baseia na realidade dos acontecimentos. Se por um lado, nossos antepassados se curvavam e se ajoelhavam diante da onipotência de Deus, por outro, atualmente não dispensamos a ciência e toda tecnologia que ela nos proporciona.

O esclarecimento produzido coabita com a religião, mesmo após a ciência ter contribuído com a desmistificação do mundo: a terra que treme e ceifa vidas foi destituída de seu caráter mítico pelo entendimento sobre as placas tectônicas; as possessões demoníacas ganharam uma nova visão a partir da psicopatologia. Esses e outros exemplos nas diversas áreas do conhecimento, cujo resgate não seria difícil, evidenciam o quanto a ciência tem se desenvolvido e trazido explicações para fatos que antes possuíam unicamente uma explicação de ordem mítica. Nem por isso, as ideias religiosas sucumbiram. Talvez tenham apenas perdido um pouco de espaço em nossos cotidianos.

As reflexões de Freud, por conseguinte, poderiam ser tomadas como mais um degrau da longa escada que nos conduziria rumo à desmistificação do mundo. Degraus que foram pouco a pouco sendo cimentados com a contribuição da ciência. Ainda que haja degraus suficientes para atingirmos a racionalidade e de um só golpe matarmos Deus, isso não aconteceu. A religião não apenas persistiu como tem se revitalizado na contemporaneidade. Sua perseverança pode ser compreendida à luz da psicanálise, uma vez que ela articula o sentimento religioso com o complexo paterno, o qual está intrinsecamente conectado ao narcisismo, ao desamparo e a necessidade de proteção, como introduzimos no capítulo anterior. Daí decorre que a religiosidade se sustenta no desejo dos indivíduos; encontra na psique humana terreno fértil para germinar e se manter no decorrer dos tempos. Lembremo-nos de seu caráter ilusório: Deus como o pai exaltado. Sabemos como é difícil abdicar de nossas ilusões; elas são realizações de desejos e, conseqüentemente, laços libidinais as mantêm. A revitalização, por seu turno, nos intriga e demanda reflexões.

Freud, em 1927, tinha seu foco voltado ao sistema de doutrinas e promessas que compõem as ideias religiosas, ou seja, aquilo que o indivíduo concebe como sendo sua religião. Não abordou minuciosamente as raízes psíquicas do sentimento religioso. Em *Mal-estar na civilização*, três anos após, ele as retoma e demonstra a íntima relação existente entre

o processo de desenvolvimento civilizatório e de todos seus ideais e o da constituição psíquica dos indivíduos; ambos reivindicam a renúncia pulsional e são implacáveis em suas demandas.

O difundido ideal religioso - que nada mais é senão o da civilização travestido de divindade - de amar ao próximo como a si mesmo traz em si uma renúncia que vem marcada pela sua forma imperativa: 'Ama a teu próximo como a ti mesmo', disse o profeta. Esse ideal somente pode ser apresentado assim, pois os indivíduos têm em si tendências agressivas constituintes que necessitam ser controladas. Como afirma Freud:

A civilização tem de utilizar esforços supremos a fim de estabelecer limites para os instintos agressivos do homem e manter suas manifestações sob controle por formações psíquicas reativas. Daí, portanto, o emprego de métodos destinados a incitar as pessoas a identificações e relacionamentos amorosos inibidos em sua finalidade, daí a restrição à vida sexual e daí, também, o mandamento ideal de amar ao próximo como a si mesmo, mandamento que é realmente justificado pelo fato de nada mais ir tão fortemente contra a natureza original do homem (FREUD, 1930/1996e, p. 145).

Os mecanismos de controle que atuam sobre a sexualidade e a agressividade são apresentados aos indivíduos em tenra idade. É no seio da família, célula germinal da civilização, que nos deparamos com eles: o pai é seu mensageiro. Refletirmos, portanto, sobre a família da contemporaneidade pode trazer aportes significativos para a compreensão do fenômeno de revitalização da religião no mundo ocidental, especialmente se considerarmos as novas constituições familiares. Nelas a autoridade da figura paterna encontra-se enfraquecida. Ora, se Deus pode ser considerado como um substituto do pai, o qual, por sua vez, está abalado em sua autoridade, talvez isso seja um indicativo de que as novas composições familiares possam estar relacionadas com o fenômeno que nos inquieta: a revitalização da religião.

Os inúmeros avanços proporcionados pela ciência colocaram por terra as explicações místicas de muitos dos males que afligiam e afligem a humanidade. Apesar das contribuições científicas e culturais, o ambiente familiar não sofreu significativas transformações; a família continuou com sua rígida estrutura: pai, mãe e filho com papéis predeterminados e fixos, cuja autoridade paterna era inquestionável. Entretanto, houve uma contribuição científica que abalou essa estrutura.

Os avanços no campo da reprodução e contracepção humanas colaboraram para o surgimento de novas configurações familiares: famílias monoparentais, famílias com dois pais ou duas mães, homens transexuais grávidos. As variedades são muitas e muitas delas seriam

inconcebíveis há algumas décadas. O método contraceptivo oral deu às mulheres a possibilidade de controle sobre seus corpos revolucionando não apenas o controle da natalidade devido a sua eficácia, mas sobretudo a família. Enquanto o *coitus interruptus* fornecia aos homens a prerrogativa de controle da contracepção, o advento da pílula contraceptiva transfere-o às mulheres. Como salienta Martha Bailey:

[...] a pílula foi o primeiro contraceptivo feminino. A mulher podia decidir ingeri-la de forma independente; nenhum consentimento ou conhecimento por parte dos homens era necessário e também não produzia qualquer desconforto a ambos durante o ato sexual. A pílula transferiu o controle da contracepção, que por muito tempo esteve em poder dos homens, às mulheres, as quais carregam os altos custos físicos e a possibilidade de gerar uma criança (BAILEY, 2006, p. 295).

Poderíamos supor que a pílula contraceptiva garantiu às mulheres um lugar que anteriormente estava pré-designado; ela permitiu-lhes um deslocamento do lugar fixo de parideira e mãe. As mulheres puderam sair de seus lares e do jugo dos homens. Finalmente elas obtiveram o direito de desfrutar de sua sexualidade sem a preocupação de uma gravidez indesejada. Esse processo de emancipação feminina teve efeitos consideráveis na estrutura familiar tradicional. Pouco a pouco a autoridade paterna é abalada e o pai não é mais o único detentor do poder, sua voz não traz a marca da autoridade de antigamente.

Sabemos que a figura paterna é de suma importância para a psicanálise; ela desempenha função significativa no complexo de Édipo, conceito psicanalítico central. Considerando que o pai esteja destituído do lugar que outrora ocupava e que o mesmo desempenha papel essencial na trama edípica, poderíamos considerar que as gerações pós-pílula trarão as marcas psíquicas desse novo rearranjo de forças no ambiente familiar.

Na atualidade, temos nos deparados com indivíduos com características narcísicas acentuadas, para quem os 15 minutos de fama propagados por Andy Warhol não são mais suficientes. O ganho narcísico deve ser estendido e perpetuado a qualquer custo. Contudo, a fama é efêmera e está restrita a poucos; aos indivíduos resta a busca incessante de outros mecanismos que lhes permitam restaurar seu narcisismo ilimitado. O encontro com Deus é dessa ordem, pois permite os indivíduos experimentarem o sentimento oceânico – “uma sensação de ‘eternidade’, um sentimento de algo ilimitado, sem fronteiras - ‘oceânico’, por assim dizer” (FREUD, 1930/1996e, p. 73).

Diante de traço narcísico tão marcante na contemporaneidade poderíamos formular a hipótese de que o mesmo possui estreita relação com o lugar do pai nas novas configurações

familiares. A autoridade paterna, apresentada pela mãe, é aquela que possibilita à criança sua saída do estado de grandiosidade narcísica por meio de interdições; via de regra, pouco a pouco a criança se identifica com o pai, permitindo-lhe finalmente direcionar sua libido aos objetos. Entretanto, esse pai encontra-se abalado em seu próprio narcisismo por uma figura materna mais potente que a de outrora. Assim, o pai que se apresenta à criança é um destituído de sua autoridade, um pai em desamparo em busca de proteção de seu próprio pai perdido. Daí, podemos considerar que a saída do estado narcísico em direção ao amor objetal fica prejudicada por uma identificação com um pai débil.

Como resultado, o homem contemporâneo tenderia ao narcisismo e ante qualquer indício de desamparo, qualquer ferida narcísica, correria e se agarraria ferrenhamente a qualquer ideal que o restitua. A religião como instituição constituída e valorada socialmente, cujo representante máximo é o pai exaltado, se apresenta como uma saída, pois Deus como um substituto do pai tamponaria nossa angústia, nossos mal-estares, nossas feridas narcísicas. Os homens encontram na religião aquilo que perderam: o Pai protetor e potente, revitalizando-a.

Se por um lado, o sentimento religioso aplaca as dores da vida e permite aos indivíduos estabelecer laços libidinais fortes que os poupam de construir uma neurose individual, uma vez que a religião oferece uma *prêt-à-porter*, por outro, ele pode fortalecer a intolerância, pois os indivíduos identificados com o ideal religioso identificam-se mutuamente e tendem a excluir todos aqueles que não professam sua fé. O sentimento de pertença a um grupo religioso produz um ganho narcísico que os engrandece e permite dar vazão a sua agressividade como sua majestade o bebê. Os indivíduos em grupo regridem e deixam aflorar aquilo que neles estava reprimido: sua natureza perversa e agressiva.

Desse modo, uma religião, mesmo que se chame a si mesma de religião do amor, tem de ser dura e inclemente para com aqueles que a ela não pertencem. Fundamentalmente, na verdade, toda religião é, dessa mesma maneira, uma religião de amor para todos aqueles a quem abrange, ao passo que a crueldade e a intolerância para com os que não lhes pertencem, são naturais a todas as religiões (FREUD, 1921/1996, p. 110).

Os atos de barbárie cometidos em nome de Deus têm tido expressões distintas no transcorrer da história das religiões ditas de amor: espadas e cavalos foram substituídos por aviões repletos de combustível que se chocam contra prédios matando milhares de inocentes. Os muçulmanos do jihad não diferem dos heroicos cavaleiros das cruzadas cristãs, suas atrocidades se assemelham. A intolerância de cunho religioso nem sempre desemboca em atos

vis como o atentado ao *World Trade Center*; as religiões com suas poderosas instituições e missionários aguerridos têm se imiscuído, como fez no passado, nas questões de Estado e expressado sua intolerância barrando propostas parlamentares progressistas, sobretudo aquelas que se referem à sexualidade, à saúde da mulher e ao avanço da ciência. Questões como a legalização das relações homoafetivas, o direito ao aborto e as pesquisas com células-tronco têm sido alvo de críticas embasadas nas infalíveis e inquestionáveis escrituras sagradas. Afinal, elas portam as palavras do Senhor; palavras que foram difundidas a ferro e fogo.

As fogueiras e os instrumentos de tortura que tanto contribuíram à instauração do cristianismo não são mais necessários. As religiões, ao tornarem seus seguidores em pecadores e ímpios, disseminaram a culpa, que ressoa em seu correlato psíquico nos indivíduos: a culpa advinda do assassinato do pai primevo que se reedita neles. Parece-nos que os homens, diante do intolerável sentimento de culpa, estariam dispostos a se submeterem completamente à vontade do Deus Pai, tornando-se filhos amados e protegidos. Os homens pecadores e em comunhão se igualariam a *Agnus Dei* em seu sacrifício e tomariam suas palavras literalmente, propagando-as com fervor. Sua voz tem de ser ouvida e assimilada; aqueles que se recusam a segui-las sentirão a força de seu açoite.

Assim, os homens em adoração cega identificar-se-iam uns aos outros e todos identificados com Deus estariam sob a égide da psicologia de grupo. Haveria um rebaixamento de suas instâncias críticas que lhes permitiria a atos que individualmente não cometeriam; a agressividade escoaria livremente e direcionar-se-ia para fora do grupo. Assim, os indivíduos reunidos no amor a Deus se engrandeceriam, se potencializariam e, conseqüentemente regrediriam a uma posição narcísica, na qual as barreiras do supereu não estavam totalmente erguidas. A regressão lhes consente o escoamento de seus instintos agressivos.

Conseqüentemente, a questão da agressividade presente nos fenômenos religiosos é relevante, pois ela evidencia Thanatos em ação. Notadamente, os atos agressivos de origem religiosa evitam a autodestruição, visto que “uma parte da pulsão é desviada no sentido do mundo externo e vem à luz como uma pulsão de agressividade e destrutividade” (FREUD, 1930/1996e, p. 123)<sup>1</sup>. Preserva-se o eu às expensas de outrem; como se Thanatos atuasse

---

<sup>1</sup> Nas citações freudianas o termo instinto foi substituído por pulsão, uma vez que esta é a tradução mais apropriada para a palavra alemã *Trieb* e não instinto como aparece na tradução da Editora Imago utilizada neste trabalho.

baixa influência de Eros. Freud esclarece que a pulsão de morte pode ser compelida “para o serviço de Eros, no caso de o organismo destruir alguma outra coisa, inanimada ou animada, em vez de destruir o seu próprio eu (*self*)” (Ibid., p. 123).

A introdução do conceito de narcisismo propiciou uma virada na teoria freudiana, que culminou com a reformulação da teoria do aparelho psíquico. Em *Além do princípio do prazer* é apresentada a noção de pulsão de morte, que pode agir tanto interna como externamente. É no embate entre Eros e Thanatos, entre as pulsões de vida e de morte, que o indivíduo se constitui, bem como a civilização. Amor e ódio nos regem. Freud conclui:

Essa pulsão agressiva é o derivado e o principal representante da pulsão de morte, que descobrimos lado a lado de Eros e que com este divide o domínio do mundo. Agora, penso eu, o significado da evolução da civilização não mais nos é obscuro. Ele deve representar a luta entre Eros e a Morte, entre a pulsão de vida e a pulsão de destruição, tal como ela se elabora na espécie humana. Nessa luta consiste essencialmente toda a vida, e, portanto, a evolução da civilização pode ser simplesmente descrita como a luta da espécie humana pela vida (FREUD, 1930/1996e, p. 126)

A luta pela vida, portanto, é marcada tanto pela pulsão de vida como pela de morte. Nesse jogo de forças que se reflete nos laços sociais estabelecidos e não poderia ser diferente, porque esses “dois tipos de instinto raramente - talvez nunca - aparecem isolados um do outro, mas que estão mutuamente mesclados em proporções variadas e muito diferentes, tornando-se assim irreconhecíveis para nosso julgamento” (Ibid., p. 123). Observamos claramente as duas pulsões operando no fenômeno religioso.

Procuramos demonstrar anteriormente a relação entre a revitalização da religião e o lugar do pai nas novas formações familiares. Nem a religião, nem a ciência foram capazes de produzir a felicidade ardentemente desejada. Afinal, a religião como expressão cultural não escapa ao mal-estar. O pai tendo sido deslocado de seu lugar de autoridade suprema no seio familiar encontra-se ferido narcisicamente. Um pai débil apresenta-se como modelo de identificação. Daí, poderíamos supor que o acentuado traço narcísico dos indivíduos contemporâneos está intimamente ligado com esse lugar do pai que se encontra abalado. Assim, diante de qualquer sinal de desamparo recorrem à proteção divina: ao pai onipresente, onisciente e sobretudo onipotente. *Voilà*: revitaliza-se a religião.

Afloram com ela seus correlatos: a intolerância e a agressividade. Ora, na submissão total e completa a Deus podemos verificar a pulsão de morte dirigida ao eu em ação. Entretanto, a luta pela vida faz com que o eu não sucumba a Thanatos e parte da pulsão de

morte seja direcionada ao exterior. Assim, quanto maior for a força divina, mais agressivos serão os atos praticados em nome de Deus: os enfrentamentos entre católicos e protestantes nas ruas de Belfast, a explosão das torres gêmeas em Nova Iorque e a recusa de tratamento médico por motivos religiosos demonstram a pulsão de morte dirigida para fora. Ações como essas que nos conduziram em nossas reflexões podem estar relacionadas à revitalização da religião. Observamos a propagação de atos agressivos em nome de ideais religiosos. Entre Eros e Thanatos o homem religioso pode ser levado tanto a atos de extrema benevolência e altruísmo como ações igualmente bárbaras e egoístas, dependendo apenas da resultante de forças entre as pulsões de vida e de morte. Ao que tudo indica, a revitalização da religião tem potencializado Thanatos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos a origem das ideias religiosas se confunde com a própria origem do universo. A gênese do universo repleta de divindades poderosas, segundo a mitologia grega, propiciou o surgimento das primeiras religiões politeístas. Essas divindades compartilhavam seus poderes o que propiciava uma sociedade menos intolerante religiosamente, pois suas forças eram restritas aos seus respectivos campos de atuação. Assim, a onipotência, onisciência e onipresença características de um deus unificado não estavam presentes. Os deuses e deusas eram potentes e simultaneamente passíveis de imperfeições e, por conseguinte, se assemelhavam aos humanos. Portanto, suas potências eram limitadas e incapazes de aplacar os mal-estares que afligiam os indivíduos.

A ignorância e a insignificância dos indivíduos diante dos fenômenos da natureza e da morte foram fundamentais para o estabelecimento das primeiras religiões politeístas, pois diante de tamanho desamparo somente lhes restava erguer suas mãos àqueles seres e demandar proteção. Portanto, não estranhamos a multiplicidade de deuses e deusas, visto que os homens não estavam instrumentalizados intelectualmente para compreender muitos dos eventos a que estavam expostos e criaram tantas divindades quantas eram necessárias para lidar com seus mal-estares. Porém, suas preces, oferendas e sacrifícios não eram suficientes: o desamparo persistia.

Era necessária, então, a presença de um deus forte que fosse capaz de proteger indivíduos desamparados e indefesos. Pouco a pouco a ideia de um deus único foi se materializando. Finalmente os deuses se unificaram: a figura de Deus se consolidou e se potencializou, porquanto é portador dos poderes dos inúmeros deuses e deusas aglutinados. Os homens puderam reverenciar um ser etéreo e infalível, o que abriu espaço para o estabelecimento de laços libidinais mais fortes. Essa unificação e a consequente desumanização de Deus trazem vantagens significativas, pois o monoteísmo enquanto ilusão “é a mais inexplicável e a mais tenaz, visto ser a única que se funda sobre o amor por um *objeto ausente e invisível*, mas cuja luminosidade, portanto, não pode se embaçar. Podemos um dia descobrir os crimes de Stalin ou de Mao, mas não podemos descobrir os crimes de Deus ou suas brechas” (ENRIQUEZ, 1999, p. 89). Assim, os indivíduos criaram Deus e as religiões monoteístas permitindo-lhes estabelecer relações libidinais análogas àquelas estabelecidas na infância, nas quais a figura paterna se destaca. Ou seja, Deus é visto pela psicanálise como um substituto do pai: um pai exaltado em suas qualidades.

Foi a partir de analogias entre o processo de desenvolvimento singular do indivíduo e o da civilização que Freud trouxe contribuições importantes para a compreensão de fenômenos sociais. Ainda que tenha salientado o perigo do método analógico, ou seja, transportar conceitos desenvolvidos em uma área do conhecimento para a elucidação em outra, suas reflexões foram importantes para a constituição de uma teoria social psicanalítica. Ele próprio foi alvo de críticas ao abordar questões sociais, pois a psicanálise estaria se distanciando de seu objeto: a singularidade psíquica do sujeito. Apesar das críticas e limitações, as analogias freudianas lançaram luz ao fenômeno religioso e mostraram-se profícuas.

Segundo Freud, as ideias religiosas se fundam na necessidade de proteção e consolo dos homens diante do desamparo e, conseqüentemente, estão ligadas à realização de um desejo e dispensam qualquer verificação da realidade dos fatos, diferentemente da ciência; são essencialmente ilusórias. Assim, religião e ciência convivem paralelamente, uma não invalida a outra. Ainda que atuem de forma distinta, os desenvolvimentos científicos nas áreas de reprodução e contracepção humanas possibilitaram o surgimento de estruturas familiares que não tinham lugar no final do século XIX e início do XX: famílias monoparentais, produções independentes por meio de inseminação artificial e famílias com dois pais ou duas mães. Essas novas constituições familiares tiveram implicações no lugar do pai na família, sua autoridade ficou abalada.

Buscamos demonstrar que a figura paterna enfraquecida possui estreita relação com o fenômeno da revitalização dos sentimentos religiosos na contemporaneidade. Nossa hipótese é de que esse pai débil não é suficientemente forte para propiciar a passagem do narcisismo ilimitado ao amor objetal. Esse processo fica comprometido resultando em indivíduos com traços narcísicos acentuados. Assim, as inevitáveis feridas narcísicas que ocasionalmente consternam a todos são da ordem do insuportável. Os indivíduos desamparados e tomados pela angústia buscam incessantemente restituir seu narcisismo. Para tanto, qualquer satisfação substitutiva que produza um ganho narcísico é bem-vinda. A religião como instituição estabelecida e valorada socialmente proporciona esse ganho e os indivíduos novamente se dispõem a ajoelhar-se e rezar por proteção e consolo, revitalizando-a.

As ideias religiosas revitalizadas trazem consigo a intolerância, a qual pode desembocar facilmente em atos agressivos vis. Os homens unidos em torno de um ideal religioso se sentem engrandecidos e, conseqüentemente, dirigem parte de sua pulsão agressiva àqueles que não o comungam. Eles ficam sob a égide da psicologia de grupo. Há um

rebaixamento das instâncias críticas o que lhes permite a ações que dificilmente fariam caso agissem individualmente. O grupo deixa aflorar aquilo que se encontra reprimido neles: sua natureza perversa e agressiva. Os fortes laços libidinais estabelecidos no grupo permitem-lhes agir com a agressividade própria do narcisismo. Assim, mesmo a religião que se diz de amor e tolerância é inclemente e dura com os outros. Amor aos iguais e ódio aos diferentes. Assim, vemos florescer a agressividade baseada em dogmas religiosos, cuja contestação está impossibilitada, pois se trata de mandamentos que devem ser seguidos e jamais questionados. Afinal eles portam a palavra de um Deus infalível e soberano que afaga aos homens e simultaneamente os maltrata. A barbárie pode aflorar em nome de Deus, até mesmo entre aqueles que professam a mesma religião. Ainda que regidos pelo mesmo Deus, o entendimento das escrituras sagradas os aparta: católicos e protestantes se enfrentam na Irlanda do Norte, bem como sunitas e xiitas no Oriente Médio. Amor e ódio estão presentes nos sentimentos religiosos: a ambivalência de sentimentos se expressa.

Partimos do pressuposto que a debilidade do lugar do pai nas novas constelações familiares teria influenciado no estabelecimento do traço narcísico característico dos homens da contemporaneidade. A debilidade paterna e a potência materna propiciariam uma permanência prolongada na fase narcísica do desenvolvimento psicosssexual. Daí decorreria o desenvolvimento de traços narcísicos acentuados em fases posteriores da vida. Assim, os homens voltar-se-iam à religião em busca de um pai mais potente que fosse capaz de completá-los. Estando em comunhão, o sentimento de megalomaniaco de onipotência próprio do narcisismo afloraria e com ele a agressividade de cunho religioso.

Ainda que as tenhamos fundamentado teoricamente a partir das contribuições freudianas, a complexidade do fenômeno demanda pesquisas empíricas que possam corroborar ou não nossa hipótese. Sabemos ainda que o saber psicanalítico não pode e não deve cair na tentação de ser o detentor da verdade, os fenômenos sociais devem ser abordados por outras áreas do conhecimento para que tenhamos a possibilidade de apreendê-los em toda sua magnitude. Não queremos a religião psicanalítica e muito menos a ascensão de Sigmund Freud. Assim, este trabalho se constitui como uma abertura a novas pesquisas para que possamos ter uma compreensão do fenômeno da revitalização da religião e da agressividade que se apresenta com ela.

## Referências bibliográficas

- ADORNO, Theodor W. De la relación entre sociología y psicología. In: \_\_\_\_\_. *Actualidad de la filosofía*. Barcelona: Paidós, 1991, p. 135-204.
- BAYLE, Martha J. More Power to the Pill: The Impact of Contraceptive Freedom on Women's Life Cycle Labor Supply. *The Quarterly Journal of Economics*, 121 (1), p. 289-320, 2006.
- DORNA, Alejandro. Presencia y Realidad de la Psicología Política Francesa. *Psicología Política*, 16, p. 49-73, 1998.
- ENRIQUEZ, Eugène. *Da horda ao Estado: a psicanálise do laço social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- FERREIRA, José Ribeiro. *Mito das origens: rios e raízes*. Coimbra: Simões e Linhares, 2008.
- FREUD, Sigmund. Atos obsessivos e práticas religiosas. In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. Originalmente publicado em 1907.
- \_\_\_\_\_. Moral sexual civilizada e doença nervosa. In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. Originalmente publicado em 1908.
- \_\_\_\_\_. Totem e tabu. In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. Originalmente publicado em 1913.
- \_\_\_\_\_. O futuro de uma ilusão. In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996d. Originalmente publicado em 1927.
- \_\_\_\_\_. O mal-estar na civilização. In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996e. Originalmente publicado em 1930.
- \_\_\_\_\_. Um estudo autobiográfico – Pós-escrito. In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1996f. Originalmente publicado em 1935.
- \_\_\_\_\_. Moisés e o monoteísmo. In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996g. Originalmente publicado em 1939.
- \_\_\_\_\_. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996h. Originalmente publicado em 1950.
- HUME, David. *História natural da religião*. São Paulo: Editora UNESP, 2005. Originalmente publicado em 1757.
- LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LE BON, Gustave. *Psicologia das multidões*. São Paulo: Martins Fontes, 2008. Originalmente publicado em 1895.

\_\_\_\_\_. *The crowd: a study of the popular mind*. Ontario: Batoche Books, 2001. Disponível em: <<http://socserv.mcmaster.ca/econ/ugcm/3113/lebon/Crowds.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2012. Originalmente publicado em 1896.

MIGUELEZ, Oscar M. *Narcisismos*. São Paulo: Escuta, 2007.

SILVA, Alessandro Soares. *Psicologia política, políticas públicas e movimentos sociais*. Tese de Livre Docência. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.